

PREOCUPAÇÕES DO CANGURU COM AS AMBIÇÕES DO DRAGÃO NADADOR

Saira Aquil¹
Waheed Ur Rehman²

Introdução

China apresentou um terceiro porta-aviões em sua força naval em 17 de junho de 2022, chamado Fujian. É a adição mais significativa e recente à Marinha do Exército Popular de Libertação (Sharma 2023). Embora a organização do PLAN tenha sido fundada em 1949, sua construção ao longo dos anos tem sido uma jornada constante. Entretanto, nos últimos anos sua modernização foi impulsionada. Na década anterior e na contemporânea, a marinha chinesa apresentou diversas melhorias. Lançou porta-aviões, investiu em submarinos e no estado da arte dos navios de guerra. Atualmente, a marinha da China tem o maior número de navios (Bahtić 2021) do mundo. A modernização da atual marinha chinesa remonta à década de 1990 (Li 2009).

Durante a Guerra Fria, a China tinha uma pequena marinha responsável apenas por defender sua linha costeira. Para melhor defini-la, era uma marinha costeira. Com o passar do tempo, o escopo da marinha chinesa se expandiu: passou de proteger suas linhas costeiras para a defesa ativa nos mares próximos e, mais tarde, englobou operações nos mares próximos e distantes em sua estratégia naval. A China expandiu o papel e as capacidades de sua marinha para garantir seus interesses no Leste Asiático e além. O Livro Branco da Defesa Chinesa de 2015 atribui à Marinha a defesa em águas *offshore*, incluindo a proteção em *open seas* (Estratégia Militar da China 2015).

Com o aumento dos interesses chineses em *open seas*, este estudo se propõe a identificar as implicações da modernização naval da China na

1 Departamento de Defesa e Estudos Estratégicos, Quaid-I-Azam University, Islamabad. Email: saquil@qau.edu.pk / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9510-4712>

2 Departamento de Defesa e Estudos Estratégicos, Quaid-I-Azam University, Islamabad. Email: waheedrehman804@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1377-2714>

Austrália. Como o sistema internacional carece de uma autoridade para regular as ações dos Estados, cada Estado deve, portanto, cuidar de sua própria segurança (Waltz 1979). As ações de um Estado definitivamente têm implicações para outros Estados da região e até mesmo para além de sua vizinhança. As ações de um país como a China, cujos interesses se expandem por toda a região do Indo-Pacífico, podem impactar qualquer país da região. Nos últimos anos, a Austrália aumentou seus gastos militares e fez novos acordos de defesa para aumentar sua segurança. O presente estudo explora se existe alguma ligação entre a modernização naval chinesa e um aumento nos gastos militares e acordos de defesa de Camberra. A Austrália foi escolhida porque há uma disponibilidade limitada de estudos sobre essa região e suas reações diante da modernização naval chinesa, já que a maioria dos estudiosos se concentra no Leste Asiático ou na região do Oceano Índico.

A Austrália tem um dos litorais mais longos do mundo. Sua plataforma continental ocupa o segundo lugar no mundo. O país possui a terceira maior Zona Econômica Exclusiva do mundo (Bateman e Bergin 2009). Mais de 95% do comércio exterior da Austrália é transportado por via marítima (Royal Australian Navy 2000). Os cabos submarinos de fibra óptica transportam quase 99% do tráfego de dados que passa pelas redes de comunicações para a Austrália (Australian Communications and Media Authority 2007). Apesar de seu tamanho pequeno em comparação com outros países, a indústria pesqueira da Austrália contribui com mais de US\$50 bilhões para a economia nacional anualmente (CSIRO1988). Além disso, quase 85% dos cidadãos australianos vivem a uma hora da costa (Kaye 2020). A Austrália está interessada nos oceanos Índico, Sul e Pacífico do ponto de vista da segurança marítima. Proteger seus vastos recursos marítimos, salvaguardar a segurança das Linhas Marítimas de Comunicação (SLOCs) e garantir a soberania de seus territórios *offshore* estão entre suas principais prioridades marítimas (Bateman e Bergin 2009). O ambiente de segurança do Indo-Pacífico tem impactos diretos no interesse nacional da Austrália. Assim, Camberra considera que reforçar uma aliança favorável para o equilíbrio na região é oportuno. Devido às mudanças no ambiente de segurança, a Austrália embarcou no caminho da modernização militar e do reforço de alianças, a fim de fortalecer sua segurança. Antes de analisar as implicações da modernização naval da China sobre Austrália, é pertinente compreender os Interesses Estratégicos de Defesa Australianos.

Interesses Estratégicos de Defesa Australianos

De acordo com o Livro Branco da Defesa Australiana, o principal *interesse estratégico de defesa* da Austrália é torná-la segura e resiliente. Isso implica que Camberra esteja a salvo de invasão, medo de invasão ou qualquer coerção, tendo total controle sobre territórios e fronteiras do país. Geograficamente, estende-se às aproximações do norte do país, ZEE, bem como aos territórios *offshore*, que incluem o Oceano Antártico e territórios na Antártida (DWP 2016).

O segundo interesse estratégico de defesa da Austrália é proteger sua região mais próxima. A segurança do país não pode ser garantida se a sua vizinhança, que inclui o “Timor-Leste”, a “Papua Nova Guiné” e os “Países Insulares do Pacífico”, se tornar uma fonte de ameaça para ele. Isso também implica a possibilidade de uma potência militar de outra região tentar exercer influência de modo a comprometer a segurança das abordagens marítimas australianas. A instabilidade ou violência no Sudeste Asiático comprometeria a segurança da Austrália, assim como seus laços econômicos cruciais e em expansão na região, visto que a Austrália depende do comércio marítimo com e através do Sudeste Asiático. A segurança das abordagens marítimas australianas, o abastecimento de energia e as rotas comerciais dentro do Sudeste Asiático, bem como a liberdade de navegação, que permite o livre fluxo do comércio em águas internacionais, devem ser protegidos (DWP 2016).

O terceiro interesse estratégico de defesa da Austrália é manter a estabilidade na “região do Indo-Pacífico” e resguardar a ordem global contemporânea que apoia seus interesses. De acordo com o Australian DWP 2016, o “Indo-Pacífico inclui o Norte da Ásia, o Mar da China Meridional e as extensas linhas marítimas de comunicação nos Oceanos Índico e Pacífico que dão suporte ao comércio australiano.” A estabilidade na chamada “ordem baseada em regras” é essencial para garantir o acesso de Camberra a um comércio seguro, aberto e livre, enquanto também reduz o risco de instabilidade e coerção, os quais podem prejudicar diretamente os interesses da Austrália. Isso permite que a Austrália lide com problemas antes que eles se tornem ameaças de fato, e concede acesso irrestrito a rotas marítimas e transporte para apoiar o progresso econômico de Camberra (DWP 2016).

Para garantir a defesa do país, o governo australiano definiu objetivos de defesa relevantes. De acordo com o DWP australiano, os objetivos de defesa são os seguintes (DWP 2016):

“Deter, negar e derrotar ataques ou ameaças à Austrália e seus interesses nacionais e abordagens do Norte; fazer contribuições militares eficazes para apoiar a segurança marítima do Sudeste Asiático e apoiar os governos

de Papua Nova Guiné, Timor-Leste e dos Países Insulares do Pacífico para construir e fortalecer sua segurança; contribuir com capacidades militares para operações de coalizão que apoiem os interesses da Austrália em uma ordem global baseada em regras” (DWP 2016, tradução nossa).

Os interesses estratégicos de defesa da Austrália mencionados acima fornecem, principalmente, uma sensação de círculos concêntricos de segurança para a Austrália. O primeiro círculo consiste em proteger o continente da Austrália, sua integridade territorial e soberania. O segundo círculo envolve a estabilidade na vizinhança imediata da Austrália, incluindo os governos de “Papua Nova Guiné, Timor-Leste e dos Países Insulares do Pacífico”, além do Sudeste Asiático marítimo. Por último, a segurança e a estabilidade da região ‘Indo-Pacífica’ e a ‘ordem baseada em regras’ global formam o terceiro círculo de segurança da Austrália. Alguns até sugeriram o conceito de cadeia de ilhas para segurança na Austrália.

Em um estudo recente, publicado na Australian Defense Business Review, Brian Weston enfatizou a importância da primeira cadeia de ilhas na construção de uma política eficaz de defesa e dissuasão para o país. Weston argumenta que a “primeira cadeia de ilhas” da Austrália poderia ser definida “como se estendendo do Sri Lanka, ao longo do arquipélago indonésio de Sumatra e Java a Irian Jaya, passando por Papua Nova Guiné e Ilhas Salomão, e seguindo até Vanuatu e Fiji” (Weston 2020). Esses conceitos estão surgindo dentro da comunidade estratégica e de defesa australiana por causa da ameaça chinesa. Especificamente, a modernização naval da China é percebida como uma ameaça que não poderia ser desestabilizadora apenas no Sudeste Asiático, mas para a região mais ampla do ‘Indo-Pacífico’ e a ‘ordem baseada em regras’ global. Além disso, o escopo operacional do PLAN está sendo expandido para incluir oficialmente operações em mares distantes, o que alarmou os *policymakers* em Canberra, que estão preocupados em garantir seus próprios interesses estratégicos de defesa.

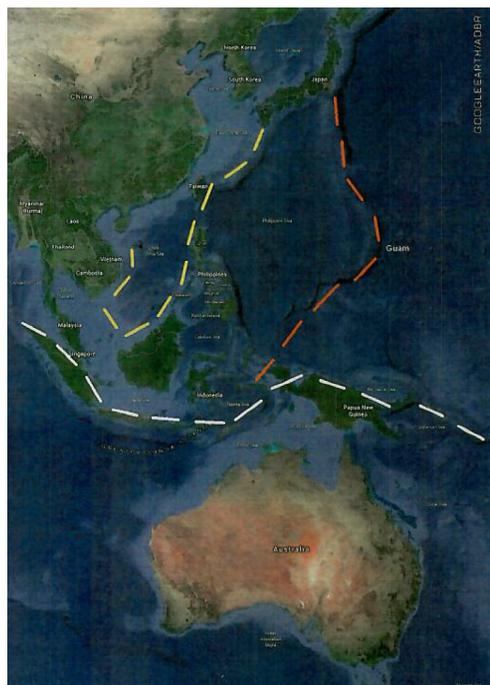
Assim, por um lado, a China está formulando sua estratégia naval ao mesmo tempo em que expande o escopo operacional de sua marinha; por outro, há uma ênfase crescente no conceito de cadeia de ilhas para a segurança na Austrália. Isso, por sua vez, definitivamente resultará em um choque de cadeias de ilhas, se não em um futuro próximo, a longo prazo. Ademais, os interesses estratégicos de defesa australianos são impactados pela modernização naval da China, direta ou indiretamente.

Cadeias de ilhas da China x Círculos concêntricos de segurança da Austrália

Com a introdução da proteção em *open seas* junto aos mares próximos, a defesa ativa expande o alcance e o escopo operacional do PLAN (Estratégia Militar da China 2015). Essa expansão operacional pode ser ameaçadora do ponto de vista da segurança australiana. Não obstante o conceito de “operações marítimas distantes” seja conhecido desde a década de 1990 em estudos de modernização naval chinesa, isso não estava presente em nenhum documento oficial de defesa chinês divulgado por Pequim até 2015.

Liu Hauqing promoveu que a Marinha do Exército de Libertação Popular irá operar nos mares próximos da China ou na área marítima também conhecida como a primeira cadeia de ilhas e seus arredores, por alguns anos. Além disso, ele indicou que o poder naval chinês aumentará com a expansão da economia do país e o avanço da tecnologia. Como resultado, a PLAN será capaz de expandir suas operações da primeira para a segunda cadeia de ilhas. Quando o PLAN se tornar capaz de operar efetivamente fora da ‘segunda cadeia de ilhas’, se tornará uma “*marinha de alto-mar*” regional.

Figura 1: A primeira cadeia de ilhas da Austrália



Fonte: Robbin Laird, “Feature – ON TARGET: AUSTRALIA’S ‘FIRST ISLAND CHAIN’ – PART 1” Australian Defense Business Review. (<https://adbr.com.au/on-target-australias-first-island-chain/>).

Figura 2: Cadeias de ilhas existentes e propostas pela China para segurança



Fonte: “4th and 5th Island Chain JPEG”, Asia Maritime Transparency Initiative- CSIS. (<https://amti.csis.org/chinas-reach-grown-island-chains/4th-and-5th-island-chain-jpeg/>).

No DWP de 2015, a China mencionou claramente que o PLAN seria agora responsável por resguardar a defesa de águas *offshore*, incluindo a proteção em *open seas* (Estratégia Militar da China 2015). Hoje, a China tem uma fortaleza em seus mares próximos. Suas capacidades A2AD de antiacesso e negação de área são tão fortes que criaram sérios desafios para as marinhas mais tecnologicamente avançadas e poderosas na “primeira cadeia de ilhas”, como a Marinha dos EUA (USN). Assim, nas próximas décadas, a China possivelmente fortalecerá sua marinha para efetivamente controlar a primeira e a segunda “cadeia de ilhas”. A figura acima mostra onde alguns analistas percebem que uma terceira cadeia de ilhas já existe no pensamento estratégico chinês. No futuro, a China expandirá o escopo operacional de sua marinha para a terceira, quarta e até quinta ilha, a fim de promover seus interesses econômicos e militares. Se o *dragão nadador* (PLAN) se tornar feroz ou expandir seu território nas águas do Indo-Pacífico nos próximos anos, as

preocupações de Camberra aumentarão. O controle sobre as águas do Indo-Pacífico pelo dragão diminuirá a liberdade do canguru nessas águas.

A Austrália é um país que não se preocupa tanto com a incursão estrangeira, já que se encontra há uma grande distância dos demais continentes. Em sua vizinhança direta, não há nenhuma potência capaz de criar qualquer tipo de problema de segurança para o país. Entretanto, a modernização naval da China é uma ameaça para a segurança australiana à medida que, com a expansão do alcance operacional da marinha do PLA, os interesses estratégicos australianos são desafiados.

A Austrália tem seu próprio conceito de círculos concêntricos para segurança. O arco Indo-Pacífico e o arco melanésio são de extrema importância para a Austrália na manutenção da estabilidade em sua região. As duas figuras acima mostram claramente como a expansão naval chinesa pode impactar a Austrália e seus objetivos estratégicos. A expansão naval da China em termos de alcance e capacidades pode ser prejudicial a longo prazo, se não a curto prazo. Quando o PLAN expandir seu alcance operacional no futuro, impactará as operações da Marinha Real Australiana. Até hoje, embarcações navais chinesas são avistadas perto das fronteiras australianas. Alguns analistas suspeitam que estas estão relacionadas a atividade de coleta de inteligência. O PLAN também está aumentando sua influência nos países das ilhas do Pacífico por meio de visitas navais. Essas atividades do PLAN são encaradas pela Austrália com preocupação.

Austrália em uma encruzilhada

A modernização naval chinesa e o aumento da assertividade no Mar da China Meridional (SCS) criaram um dilema para a Austrália: escolher entre seu parceiro comercial de longa data (China) ou seu aliado de segurança mais forte (Estados Unidos). A Austrália tem relações comerciais de longa data com a China; ela exporta uma grande quantidade de minério de ferro e carvão para a China, que contribui significativamente para o seu produto interno bruto (PIB). Os EUA, por outro lado, são de grande importância para a Austrália em sua segurança e interesses estratégicos. Os últimos anos revelaram que a Austrália optou por ficar permanentemente do lado dos EUA para proteger a ordem global baseada em regras existente, já que esta se adequa aos interesses estratégicos australianos. Em Camberra, qualquer desafio à ordem baseada em regras contemporânea é considerado um desafio aos interesses estratégicos e de segurança australianos. Atualmente, a Austrália visualiza a modernização militar chinesa e, especificamente, a modernização naval como desafios

sérios à arquitetura de segurança no Leste Asiático e à ordem global baseada em regras. A Austrália está preocupada com a segurança de suas abordagens e rotas comerciais do Norte. Os *policymakers* e a comunidade estratégica em Camberra consideram conflitos ou quaisquer ações desestabilizadoras em seus arredores (como o Sudeste Asiático e o Pacífico Sul) prejudiciais à segurança e aos interesses estratégicos da Austrália. Portanto, um Mar da China Meridional pacífico é de extrema importância para Camberra, pois é a região pela qual o extenso comércio marítimo da Austrália com o Leste Asiático passa.

O Dr. Andrew Carr, da Universidade Nacional Australiana (ANU), disse em uma entrevista ao autor que as implicações da modernização naval da China para a Austrália são três (Carr 2022)³.

1. “A China está aumentando sua capacidade de projetar influência sobre o Sudeste Asiático/Pacífico Sul. Isso significa mais trabalho para a Austrália identificar e rastrear embarcações chinesas. O potencial para que problemas surjam devido ao aumento de presença ainda é baixo, mas está crescendo. Isso simplesmente complica as coisas”.
2. “A China pode decidir mudar seu propósito no Sudeste Asiático e no Pacífico Sul. O maior medo australiano sempre foi que um adversário estabelecesse uma base naval no Pacífico Sul. O continente australiano é muito grande para ser invadido ou prejudicado significativamente sem uma base de suprimentos nas proximidades. Portanto, se a região da Oceania está livre de bases adversárias, então o continente australiano está seguro. Embora rumores tenham surgido nos últimos anos e o governo australiano tenha sido rápido em mostrar sua preocupação (tanto em relação a Pequim, mas também aos países do Pacífico Sul para desencorajar tal comportamento), a China ainda não parece interessada em estabelecer tal instalação”.
3. “Por último, a expansão da marinha chinesa tem implicações para o equilíbrio de poder com os Estados Unidos. Isso pode mudar tanto as relações regionais quanto os resultados dos conflitos. Isso não é algo que a Austrália possa influenciar significativamente, mas é importante para a segurança australiana em geral”.

A partir dos pontos de Andrew, pode-se deduzir que a Austrália está

³ Entrevista por e-mail com o Dr. Andrew Carr, professor titular no Centro de Estudos Estratégicos e de Defesa, Australian National University, em 11 de janeiro de 2022. Ele pode ser contatado pelo e-mail: andrew.carr@anu.edu.au. Nota do tradutor: tradução nossa.

preocupada, em primeiro lugar, com a crescente influência do PLAN no Sudeste Asiático e no Pacífico Sul. Com o passar do tempo, a influência do PLAN aumentará no Pacífico Sul, o que é uma grande fonte de preocupação para a Austrália. Ele também demonstrou preocupações sobre potenciais bases navais chinesas na região. Houve especulações da mídia sobre uma base naval chinesa em Vanuatu, um país insular no Pacífico Sul (Panda 2018). Tal empreendimento pode impactar diretamente a segurança australiana. Ao responder à pergunta sobre a base naval chinesa no Pacífico Sul, ele disse que “pode se entender como um ataque preventivo, uma tentativa de esclarecimento e de evitar uma ameaça, mais do que uma indicação direta de que ela estava prestes a emergir”. Ele mencionou que “a preocupação com um adversário com uma grande base de suprimentos no Pacífico Sul é uma preocupação de mais de 150 anos para os australianos, então isso é algo a ser observado com bastante atenção” (Carr 2022)⁴.

Ademais, a Austrália está preocupada com a mudança no equilíbrio de poder na região. A Austrália tem dependido muito dos EUA para sua segurança. A ascensão da China e sua subsequente modernização militar estão gradualmente distanciando os EUA da região. Dessa forma, a comunidade de defesa australiana está profundamente preocupada com esse desenvolvimento na região. Eles consideram a China uma potência revisionista capaz de mudar o status quo. A ordem internacional baseada em regras contemporânea tem servido amplamente aos interesses australianos, por isso eles estão preocupados que, se o status quo for alterado em favor da China, os interesses da Austrália serão prejudicados.

Metas de Longo Prazo do PLAN e a Percepção Australiana de Ameaças

Tom Shugart argumenta que a China estabeleceu um cronograma com três objetivos principais para sua marinha. Primeiro, desenvolver forças suficientes para exercer controle sobre as regiões marítimas dentro da ‘Primeira Cadeia de Ilhas’ até 2000. Em segundo lugar, ampliar o controle para a ‘Segunda Cadeia de Ilhas’ até 2020 (Shugart 2021). E, por último, desenvolver uma marinha global até 2050. Ele argumenta ainda que o DWP 2015 da China destacou especificamente a defesa de seus interesses no exterior e SLOCs estratégicos como objetivos, a serem alcançados com a missão adicional de “proteção de *open seas*”. De acordo com o autor, isso

⁴ Entrevista com o Dr. Andrew Carr. Nota do tradutor: tradução nossa.

sinaliza o desejo da China em projetar o poder marítimo onde ela quiser. Ele também cita o ex-chefe do PLAN, o almirante Wu Shengli, que disse em 2017 que “para onde quer que o escopo dos interesses da nação se estenda, é lá que o perímetro do nosso desenvolvimento de combate chegará” (Shugart 2021).

Tom Shugart também explica que o desejo da China pode ser descartado e visto como irrelevante, considerando que a China não possui a capacidade para realizá-lo. Todavia, a China tem motivação, bem como poder industrial para cumprir suas palavras (Shugart 2021). A partir da análise de Shugart, pode-se inferir que a China está buscando construir uma marinha global. Mesmo parecendo uma tarefa árdua, a China tem os recursos e a determinação para se tornar uma. Uma marinha chinesa global significa navios do PLAN operando em todo o oceano. A declaração do almirante Wu Shengli, ex-chefe do PLAN, é a manifestação desse argumento de que o PLAN tentará preservar seus interesses em qualquer lugar dos oceanos.

Embora pareçam declarações simples, elas representam muitas das ambições chinesas em controlar rotas marítimas críticas de comunicação. Do ponto de vista da segurança australiana, qualquer cenário futuro em que a China controle rotas marítimas de comunicação críticas representa uma ameaça aos seus interesses econômicos e de defesa estratégica. Assim, um PLAN global com o objetivo de controlar SLOCs críticos é visto pela Austrália como preocupante para seus interesses econômicos e de segurança. As ações chinesas são percebidas em muitos países do Indo-Pacífico como hegemônicas. Especificamente, países como a Austrália, forte aliado dos EUA na região, não ficariam felizes em aceitar qualquer comportamento assertivo e hegemônico chinês.

Falta de transparência e incerteza associadas à modernização militar da China

A ascensão da China como potência econômica contribuiu significativamente para seu esforço de modernização militar. O aumento em gastos militares da China tem preocupado seus vizinhos. Eles estão preocupados com a falta de transparência a respeito dos gastos militares chineses. Neste mundo anárquico, a incerteza associada a isto aumenta os problemas de seus vizinhos. Adam P. Liff e o co-autor afirmam em seu manuscrito que há uma “incerteza generalizada sobre as intenções da China, dada a doutrina confusa do Exército de Libertação Popular (PLA) e a relativa baixa transparência de Pequim em relação aos seus assuntos militares e à tomada de decisões políticas” (Liff e Ikenberry 2014). Posteriormente, os

autores se preocupam com o fato de que ‘a relativa falta de transparência militar da China parece agravar as preocupações generalizadas sobre suas capacidades e intenções que avançam rapidamente’ (Liff e Ikenberry, 2014). Essa situação criou uma espécie de dilema de segurança não apenas para seus vizinhos imediatos, mas também para a Austrália, que está preocupada com o aumento dos gastos militares de Pequim. Nenhum país jamais confiaria ou teria certeza de qualquer ação de outros Estados neste mundo anárquico. Portanto, Estados como a Austrália, que estão preocupados com sua segurança, têm procurado aprimorar suas próprias capacidades por meio da modernização de suas forças ou do estabelecimento de alianças com Estados de visão semelhante.

A assertividade da China no Mar do Sul da China: uma perspectiva australiana

A China reivindicou ativamente grande parte do SCS como seu território soberano. Essa reivindicação da China inclui alguns territórios dentro das zonas econômicas exclusivas (ZEE) de 200 milhas do Vietnã, Filipinas, Malásia e Indonésia. A potência em ascensão tem ameaçado a inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR) dos militares dos EUA na ZEE da China. Isso, por sua vez, tem desafiado a FON dos EUA (Departamento de Defesa da Liberdade de Navegação dos EUA) e as operações de sobrevoo fora da ZEE da China. Embora Pequim tenha usado, em particular, sua guarda costeira, frota pesqueira e milícias para essas atividades, todas essas entidades são apoiadas pelo PLAN. Juntas, essas ações afastaram sistematicamente as forças marítimas menores do Vietnã e das Filipinas para fora de partes de suas ZEEs e ameaçaram as forças malaias e indonésias (Burgess 2020).

Além disso, nas Ilhas Spratly e Paracel, Pequim construiu ilhas artificiais, além de estacionar unidades do PLAN e da PLAAF (Força Aérea do Exército de Libertação Popular), assim como mísseis “*surface-to-air*” e “*surface-to-surface*”, aumentando as capacidades de “antiacesso e negação de área” (A₂/AD), que ameaçam os EUA e seus aliados no SCS (Burgess, 2020). A China tem hostilizado as operações navais e aéreas dos EUA por mais de duas décadas. Ela tem desafiado as “operações de liberdade de navegação e operações de sobrevoo” dos EUA (FONOP) nas Ilhas Spratly e Paracel desde 2015. As atividades de desenvolvimento marítimo de Pequim agora lhe permitem uma potencial obstrução da exploração de petróleo e gás. Suas capacidades de ‘antiacesso/negação de área’ (A₂/AD) representam ameaças para a USN (Marinha dos Estados Unidos) e suas operações da Força Aérea.

O tráfego marítimo e aéreo global também está sendo ameaçado (Burgess 2020). A China poderia impor uma ADIZ sobre parte ou a totalidade dos SCS no futuro, semelhante à ECS ADIZ estabelecida em 2013. Os avisos emitidos pela China contra aeronaves militares dos EUA que sobrevoaram as instalações do PLA no Spratly fornecem evidências disso (Weitz 2018). Em suma, o PLAN representa uma possível ameaça aos fluxos econômicos, à extração de recursos e às operações militares em uma hidrovia fundamental.

As ações de Pequim na década anterior mencionadas acima e as potenciais ameaças alarmaram os analistas de segurança e defesa em Camberra. Eles compreendem que o comportamento assertivo da China, que só é possível por meio de uma poderosa marinha, nas águas do SCS não só ameaça os vizinhos próximos de Pequim, mas também outros países da região do Indo-Pacífico. Outras nações da região serão privadas da liberdade de navegação, exploração de recursos e a influência da Marinha dos EUA será reduzida significativamente à medida que as reivindicações da China no mapa de nove traços do SCS forem reforçadas, afetando a segurança dos países da região. A Austrália é um dos países que depende dos EUA e seus aliados na região para sua segurança. O comércio da Austrália passa pelas águas dos SCS para os países do Leste Asiático. Além disso, o estabelecimento do controle sobre a linha de nove traços pela China demonstrará que ela está desafiando a ordem baseada em regras, de suma importância para a Austrália. Portanto, Camberra está preocupada com as ações de Pequim no SCS.

Preocupações australianas sobre a liberdade de navegação no Indo-Pacífico

Os FONOPs são essenciais para os interesses econômicos e geopolíticos da Austrália. Isso se deve principalmente à dependência da Austrália do comércio marítimo, a maior parte do qual passa pelos arquipélagos do Norte e do Nordeste da Austrália. O arco “arquipelágico”, que se estende da “Indonésia, Filipinas e Papua Nova Guiné (PNG) no Norte até as Ilhas Salomão, Vanuatu e Fiji” no Nordeste, é fundamental para os interesses estratégicos da Austrália. Esta é a área onde um perigo para a Austrália pode vir ou passar mais facilmente. É também uma área onde a Austrália pode colaborar em interesses mútuos com o objetivo de tornar a região mais segura e estável (Bateman e Hanich 2013).

Para a Austrália, a segurança dos navios que viajam através deste Arco é uma preocupação estratégica crítica. Em valor, o Arco transporta mais de 62% do comércio de mercadorias de Camberra (73% das exportações e 52% das importações) (Australian Bureau of Statistics 2013). Essas mercadorias

passam pelo arquipélago indonésio ou da costa leste da Austrália para a costa leste da Papua Nova Guiné. Como resultado, a Austrália tem uma forte participação na liberdade de navegação do Arco Pacífico (Bateman 2015). Para a Austrália, a segurança dos navios que viajam através deste Arco é uma preocupação estratégica crítica. Em valor, o Arco transporta mais de 62% do comércio de mercadorias de Camberra (73% das exportações e 52% das importações) (Australian Bureau of Statistics 2013). Essas mercadorias passam pelo arquipélago indonésio ou da costa leste da Austrália para a costa leste da Papua Nova Guiné. Como resultado, a Austrália tem uma forte participação na liberdade de navegação do Arco Pacífico (Bateman 2015).

Portanto, a Austrália está preocupada com a liberdade de navegação em seu entorno, no SCS, no Mar da China Oriental (ECS) e na região mais ampla do Indo-Pacífico. O governo de Camberra considera que todos os países têm o direito de circular livremente pelos oceanos. Entretanto, as recentes ações chinesas no SCS e no ECS aumentaram as preocupações dos policymakers e funcionários do governo em Camberra. Essas preocupações estão explícitas em documentos de defesa do governo e declarações na mídia. Em um discurso, o ministro da Defesa australiano, Peter Dutton, criticou duramente a China. Ele disse que, embora a China alegue trabalhar com outros estados para manter a liberdade de navegação e proteger as rotas marítimas, bem como para resolver disputas territoriais por meio do diálogo e da consulta, a realidade é bem diferente (Mahadzir 2021).

Dutton citou a ocupação, construção e militarização de territórios disputados no SCS pelo estabelecimento de 20 postos avançados, a rejeição do veredito de 2016 da Corte Permanente de Arbitragem de Haia pela China sobre reivindicações de direitos históricos no SCS, o envio de um grande número de jatos militares para a ADIZ de Taiwan, o uso de embarcações de pesca tripuladas por milícias enquanto invadiam a ZEE das Filipinas e a escalada das tensões no ECS com o Japão (Mahadzir 2021).

A China está alavancando seu crescente domínio em comércio e economia, segurança, mídia e internet para coagir a cooperação, de acordo com Dutton, que também enfatizou que as forças armadas da China aumentaram significativamente em tamanho e capacidade. Com 355 navios e submarinos, a China possui hoje a maior marinha do mundo, uma força que mais do que triplicou de tamanho nos últimos vinte anos. Ele observou que Pequim construiu navios com tonelagem equivalente à de toda a Marinha Real Australiana a cada 18 meses, em média, nos últimos quatro anos, e espera-se que a marinha chinesa cresça para 460 navios até 2030 (Mahadzir, 2021).

Morrison foi questionado durante uma coletiva de imprensa sobre as acusações de que um navio de vigilância do PLAN estava espionando a

Austrália em agosto e setembro. Morrison respondeu que

“Eles têm todo o direito de estar lá sob o direito marítimo internacional, assim como temos todo o direito de estar no Mar da China Meridional, e outros países democráticos liberais livres têm todo o direito de ter liberdade de movimento no Mar da China Meridional. Nossos movimentos no Mar do Sul da China e os de outros países têm sido uma questão desafiadora para a Austrália” (Mahadzir 2021, tradução nossa).

Esta declaração do PM Morrison mostra que Camberra está ciente das ações chinesas em sua vizinhança e está profundamente envolvida no monitoramento dessas ações perto de seu litoral. Além disso, significa que outros países devem ser autorizados a operar livremente, já que as embarcações navais chinesas estão operando perto da costa de Camberra.

A preocupação, então, está basicamente centrada no FONOP. Nesse sentido, a Austrália tem considerado há muito tempo os FONOPs no Mar do Sul da China em conjunto com os EUA. Analistas de segurança e defesa na Austrália têm opiniões conflitantes sobre o movimento de Camberra em direção a FONOPs no SCS. Alguns sugerem seguir em frente com os FONOPs para conter o comportamento assertivo do PLAN no Mar do Sul da China e reforçar o equilíbrio de poder na região. Por outro lado, alguns outros consideram que isso invocará uma reação de Pequim que é prejudicial às relações já tensas entre as duas nações (Bateman 2015).

Além do mais, Camberra também está preocupada com o sobrevoo da FON no SCS e suas abordagens no Norte. Pequim estabeleceu uma ADIZ na ECS em novembro de 2013 (Ho 2016). O anúncio da ADIZ no Mar da China Oriental desencadeou preocupações de que Pequim implementaria em breve zonas semelhantes sobre o Mar do Sul da China. Se a China fizer o mesmo com o SCS, criará problemas para a Austrália, porque a circulação de seus voos será diretamente impactada no SCS e em suas aproximações no Norte.

Aumento de Interesse do PLAN no Pacífico Sul: Uma Fonte de Preocupação para a Austrália

A Austrália está preocupada com o papel crescente da China nos países insulares do Pacífico. A China aumentou seu engajamento diplomático, econômico e militar com os Estados insulares do Pacífico. O Exército de Libertação Popular (PLA), especialmente o PLAN, esteve na linha de frente e realizou várias visitas ao longo da última década e meia. De acordo com Ron

Mathew (2021),

“O processo começou há anos, com delegações do PLA visitando 24 ilhas do Pacífico entre 2006 e 2019, com mais de 60% delas envolvendo navios da Marinha. Essa ameaça emergente começou a chamar a atenção dos policymakers em Camberra, à medida que o risco de conflito aumenta” (Matthews 2021, tradução nossa).

O aumento do envolvimento da China, principalmente por meio de sua marinha, aumentou as suspeitas australianas de um cerco estratégico chinês. Ron Mathews argumenta que a China está estrategicamente cercando a Austrália ao conceder empréstimos aos países das Ilhas do Pacífico e influenciando-os por meio do chamado *soft power* (Matthews 2021). Isso, por sua vez, aumentará a influência chinesa na região, o que representará um desafio para a segurança da Austrália.

A Austrália sempre viu com preocupação a presença de bases navais em seus arredores. O recente envolvimento do PLAN com os países das Ilhas do Pacífico aumentou a probabilidade de uma base naval chinesa na vizinhança direta da Austrália. O professor Robert respondeu em uma entrevista por e-mail ao autor e disse que

“Muitos estados das Ilhas do Pacífico não têm forças armadas e o Pacífico Sul não é fortemente militarizado. Mas as visitas das forças do PLA (incluindo a marinha) são agora parte das interações da região com potências maiores. A Austrália está preocupada com a possibilidade de a China buscar estabelecer instalações militares no Pacífico Sul, o que é um dos motivos para trabalhar com os EUA em infraestrutura na Ilha Manus (parte da PNG)” (Ayson 2022)⁵.

Em 2017, houve especulações na mídia de que a China iria construir uma base militar em Vanuatu, um pequeno Estado insular nos países das ilhas do Pacífico. Esta notícia chocou os planejadores de segurança e defesa em Camberra. Tais empreendimentos são intensamente observados pela comunidade de segurança na Austrália. De qualquer maneira, se a China construir uma base naval próxima à Austrália, os problemas do país aumentarão.

⁵ Entrevista por e-mail com o Dr. Robert Ayson, professor na Escola de História, Filosofia, Ciências Políticas e Relações Internacionais, Victoria University, Wellington, Nova Zelândia, em 10 de fevereiro de 2022. Ele pode ser contatado pelo e-mail: robert.ayson@vuw.ac.nz.

Nota do tradutor: tradução nossa)

Conclusão

Este estudo explorou as implicações da modernização naval da China para a Austrália e apresentou as preocupações australianas em relação à iniciativa de modernização do PLAN. As principais implicações para a Austrália estão ligadas à maior assertividade chinesa no SCS, o que aumenta as antigas preocupações com seu comércio marítimo para o Leste Asiático. Camberra está preocupada com a liberdade de navegação nas águas do SCS e do ECS. Além disso, preocupa-se com o aumento do envolvimento do PLAN com os países insulares do Pacífico. A Austrália tem seu próprio conceito de círculos concêntricos de segurança. Se de qualquer forma a China ultrapassar a Primeira Cadeia de Ilhas, será uma grande fonte de preocupação para a Austrália em tempos de tensão e crise entre os dois países. Assim, os interesses estratégicos chineses e australianos estarão em desacordo sobre a perspectiva de segurança marítima dos dois países. Isso se deve ao fato de que a China deseja ultrapassar as cadeias de ilhas para sua própria segurança, a fim de superar os desafios de segurança impostos por seus Estados vizinhos, manter os EUA longe de suas costas e projetar poder globalmente. Assim, as preocupações com a segurança na Austrália aumentam, que está sempre atenta à proteção de sua integridade territorial.

Pode-se dizer que não há ameaça direta ao continente australiano pelo PLAN na contemporaneidade. Mas, à medida que a Austrália estabelece interesses estratégicos em seu Livro Branco de Defesa, que se estendem desde o continente australiano até suas adjacências e depois para o amplo Indo-Pacífico, a última parte dos interesses estratégicos provavelmente será impactada nos próximos anos. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que garantir esses interesses estratégicos além da Austrália continental é também de suma importância. Qualquer nação hostil, por exemplo, a China, que é percebida pela comunidade estratégica australianas como um perigo, pode infligir sérias ameaças ao seu continente se não puder ser contida ou restringida no arco Indo-Pacífico australiano (Arquipélago do Sudeste Asiático). Como a Austrália está cercada por águas e é militarmente fraca, ela não poderia resistir a um cenário em que um Estado como a China estivesse em uma cadeia de ilhas, vista pela Austrália com intenções hostis.

Além disso, a questão da “liberdade de navegação” é de grande importância para a Austrália, não apenas para garantir a ordem internacional baseada em regras, mas também para proteger seu comércio. Como a Austrália exporta carvão e minério de ferro para a própria China, as frotas comerciais não terão muitos problemas. Além de garantir o comércio e criar uma dissuasão contra as forças navais chinesas, a navegação dos navios de guerra

australianos também está em risco com a crescente assertividade chinesa no Mar do Sul da China. A Austrália pode ter problemas se essa assertividade se estender ao Indo-Pacífico mais amplo, o que não é provável em um futuro próximo. No entanto, é uma possibilidade à medida que a modernização naval da China acelere nas próximas décadas.

Em resposta a esses desenvolvimentos, a Austrália embarcou no caminho da modernização de suas próprias forças marítimas. Camberra destinou uma quantia significativa de dinheiro para gastos com defesa nas próximas décadas. Ela fortaleceu sua aliança com os EUA e outros parceiros como os AUKUS (Austrália, Reino Unido e Estados Unidos), QUAD (Quadrilateral Dialogue - Austrália, Índia, Japão e Estados Unidos) e RAA (Japan-Australia Reciprocal Access Agreement).

O acordo AUKUS, assinado em 2021, é considerado o acordo do século. Do ponto de vista australiano, o acordo é para fortalecer sua defesa, podendo ser considerado um ato de equilíbrio contra o aumento da força naval chinesa no Indo-Pacífico. Este acordo permitirá à Austrália dissuadir a marinha chinesa à distância do seu território. Os submarinos movidos a energia nuclear adquiridos por meio do acordo seriam capazes de operar por quase 70 dias na SCS, o que é de imenso interesse para a China. Sem dúvidas, esse desenvolvimento aumentará a gama de operações das forças marítimas australianas, mas irritará a China, que tem sido um parceiro comercial do país.

Além disso, a Austrália reforçou sua aliança com os EUA, Japão e Índia por meio do QUAD. O retorno da Austrália ao QUAD indica que ela se preocupa com o crescente papel da China na região do Indo-Pacífico, e que o considera prejudicial ao seu interesse estratégico de defesa. Como discutido anteriormente, a Austrália considera necessário um “Indo-Pacífico livre e aberto”. De acordo com analistas, o comportamento assertivo do PLAN no SCS obrigou a Austrália a retornar para o QUAD, que obteve menos atenção nos governos anteriores. Além disso, a AUKUS e a QUAD Australia também fazem parte de outros acordos bilaterais e multilaterais de segurança. Esses acordos de segurança incluem o RAA, o Five Power Defense Agreement e o ANZUS (Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos). Os dois últimos acordos não são direcionados contra a China, mas irão ganhar mais relevância nos próximos anos, levando em conta a ameaça chinesa.

Pensando no ambiente estratégico na região do Indo-Pacífico, a modernização naval da China pode acelerar nos próximos anos. Isso não é um sinal positivo para a segurança e o desenvolvimento econômico da região, porque a maior parte dos orçamentos nacionais está e será direcionada para a modernização militar. Essa corrida armamentista aumentará a possibilidade

de guerra na região. Esta situação não é do interesse da China nem da Austrália. Ambos os países precisam se beneficiar diretamente um do outro. Se esses dois Estados se mantiverem gastando mais com suas forças armadas do que com o seu desenvolvimento econômico, enfrentarão diversos desafios na frente econômica. Portanto, é do interesse de ambas as nações aumentar a interdependência econômica e estabilizar as relações que já se encontram tensas.

Referências

- An email interview with Dr Andrew Carr, a senior lecturer at Strategic and Defense Studies Centre, Australian National University, Jan 11, 2022. He can be reached at: andrew.carr@anu.edu.au.
- An email interview with Dr. Robert Ayson, Professor School of History, Philosophy, Political Science and International Relations, at Victoria University, Wellington, New Zealand, February 10, 2022. He can be reached at: robert.ayson@vuw.ac.nz.
- Australian Government Department of Defense, “2016 Defense White Paper”, (Commonwealth of Australia, 2016), <https://www.defence.gov.au/about/publications/2016-defence-white-paper>.
- Australian Bureau of Statistics, “International Trade in Goods and Services August 2013”, <http://www.ausstats.abs.gov.au/ausstats/>.
- Australian Communications and Media Authority, Annual Report 2006-07, Melbourne, 2007, p. 31.
- Bateman, Sam & Anthony Bergin, “THE OCEANS—OUR FUTURE”, Sea Change: Advancing Australia’s Ocean Interests, Australian Strategic Policy Institute, 2009. <http://www.jstor.org/stable/resrepo4172.7>.
- Bahtić, Fatima. “Chinese Navy is the largest navy in world, new report shows”, Naval-Today, November 5, 2021, <https://www.navaltoday.com/2021/11/05/chinese-navy-is-the-largest-navy-in-world-new-report-shows/>.
- Burgess, Stephen. “Confronting China’s Maritime Expansion in the South China Sea: A Collective Action Problem,” *Journal of Indo-Pacific Affairs*, Aug 31, 2020.
- Bateman, Sam & Quentin Hanich., “Maritime Security Issues in an Arc of Instability and Opportunity”, *Security Challenges*, vol. 9, no. 4, 2013, pp. 87-105.

- Bateman, Sam. “Some Thoughts on Australia and the Freedoms of Navigation”, *Security Challenges* 11, no. 2, 2015, 57–67. <http://www.jstor.org/stable/26465438>.
- China’s State Council Information Office, “China’s Military Strategy”, May 2015, <http://eng.mod.gov.cn/Database/WhitePapers/2014.htm>
- CSIRO Marine Research, “Facts on Australia’s Oceans”, November 25, 1988.
- Ho, Duc L. “A South China Sea ADIZ—Vietnam’s next Challenge”, Naval Postgraduate School, California, June 2016, <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1026643.pdf>.
- Kaye, Stuart. “Freedom of Navigation in the Indo-Pacific Region”, SEA POWER CENTRE – AUSTRALIA, Papers in Australian Maritime Affairs No. 22, 2020, <https://www.navy.gov.au/sites/default/files/documents/PIAMA22.pdf>.
- Li, Nan. “The Evolution of China’s Naval Strategy and Capabilities: From “Near Coast” and “Near Seas” to “Far Seas””, *Asian Security*, May 28, 2009, pp 144-169.
- Liff, Adam P. & G. John Ikenberry, “Racing toward Tragedy? China’s Rise, Military Competition in the Asia Pacific, and the Security Dilemma”, *International Security*, Vol. 39, No. 2, Fall 2014, pp. 52–91.
- Mahadzir, Dzirhan. “Australian Prime Minister: Chinese Navy Has ‘Every Right’ to Operate In Our Exclusive Economic Zone”, USNI NEWS, November 26, 2021, <https://news.usni.org/2021/11/26/australian-prime-minister-chinese-navy-has-every-right-to-operate-in-our-exclusive-economic-zone>.
- Matthews, Ron. “Beijing’s strategic encirclement of Australia”, *Asia-Pacific Defense Reporter*, 47(8), 2002, 60–62, November 01, 2021. <https://search.informit.org/doi/10.3316/informit.20211118056989>.
- Panda, Ankit. “A Southern Pacific Base for the Chinese Navy in Vanuatu?”, *The Diplomat*, April 10, 2018, <https://thediplomat.com/2018/04/a-southern-pacific-base-for-the-chinese-navy-in-vanuatu/>.
- Royal Australian Navy, “Australian Maritime Doctrine”, Sea Power Centre – Australia, Canberra, 2000.
- Shugart, Tom. “AUSTRALIA AND THE GROWING REACH OF CHINA’S MILITARY”, Lowy Institute, AUGUST 09, 2021, <https://www.lowyinstitute.org/publications/australia-and-growing-reach-china-s-military>.
- Sharma, Ritu. “China’s 80,000 Ton ‘Super-Carrier’ Fujian Tests

- Electromagnetic Catapult Launch System; Becomes 2nd After The US With Such Tech – Reports”, The Eurasian Times, November 26, 2023, <https://www.eurasiantimes.com/china-tests-electromagnetic-catapult-launch-system-of/>.
- The State Council Information Office of the People’s Republic of China, “China’s Military Strategy”, May 2015, Beijing, retrieved from: http://eng.mod.gov.cn/publications/2021-06/23/content_4887928.htm.
- Weston, Brian. “Feature – ON TARGET: AUSTRALIA’S ‘FIRST ISLAND CHAIN’ – PART 1”, Australian Defense Business Review, August 25, 2020, <https://adbr.com.au/on-target-australias-first-island-chain/>.
- Waltz, Kenneth. Theory of International Relations, (New York: McGraw Hill, 1979).
- Weitz, Rockford. “Military Activities in an EEZ,” in Law of the Sea: A Policy Primer, International Law and Maritime Studies Program, Chapter 4, 2018, <https://sites.tufts.edu/lawofthesea/chapter-4/>.

RESUMO

A China acelerou sua modernização naval nos últimos anos. Existem diversos fatores por trás desse processo de modernização. A ascensão da China está, em muitos aspectos, impactando a dinâmica política, econômica e de segurança em todo o mundo, mas particularmente na Ásia-Pacífico (Indo-Pacífico). A Austrália é um dos países desta região, não sendo uma exceção a este respeito. Este estudo procura entender as implicações da modernização naval da China na Austrália. O estudo faz uma contribuição importante para a literatura porque esta parte do mundo não têm sido abordada ao analisar a modernização naval chinesa. Os dados foram coletados por meio de fontes primárias e secundárias. Além de revisar a literatura existente, os dados foram coletados por meio de entrevistas com informantes-chave e documentos de políticas da China e da Austrália. A percepção de ameaça pela Austrália é avaliada analisando os Livros Brancos de Defesa australianos, discursos de líderes australianos e um relato de opiniões dos analistas de segurança do país. O estudo revela que os desafios impostos por outras nações da região estão levando a China a modernizar sua marinha. Por sua vez, isso aumenta as preocupações com a segurança na Austrália, que está sempre atenta para garantir sua integridade territorial, interesses econômicos e a ordem mundial liberal global que contribuiu para seu desenvolvimento e segurança. A Austrália, em resposta a esses desenvolvimentos, embarcou no caminho da modernização de suas próprias forças, reforçando suas alianças com os EUA e outros parceiros.

PALAVRAS-CHAVE

Interesses Estratégicos de Defesa. FONOPs. Indo-Pacífico. Cadeia de ilhas. Águas *Offshore*. Proteção em *Open Seas*.

Recebido em 3 de março de 2024

Aprovado em 11 de dezembro de 2024

Traduzido por Murilo Augusto Fontes